

**FCJP – FACULDADE CIDADE DE JOÃO PINHEIRO  
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO  
CRÉSCIA JOSE DA SILVA**

**A INSERÇÃO DA MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO:  
UM ESTUDO DE CASO EM BRASILÂNDIA DE MINAS**

**JOÃO PINHEIRO - MG  
2016**

**CRÉSCIA JOSE DA SILVA**

***A INSERÇÃO DA MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO:  
UM ESTUDO DE CASO EM BRASILÂNDIA DE MINAS***

Monografia desenvolvida durante a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso como parte de avaliação referente ao 7º bimestre.

Orientadora: Ms. Maria Célia Gonçalves

**João Pinheiro**

**2016**

**CRÉSCIA JOSÉ DA SILVA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade Cidade de João Pinheiro- FCJP, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Profª. Dra. Orientadora Maria Célia da Silva Gonçalves

---

Professor (a)

---

Professor (a)

---

## **AGRADECIMENTO**

Primeiro agradeço a Deus pelo dom da vida e por ser sempre meu guia em todos os momentos de minha vida, sendo meu amparo e meu refúgio nos momentos mais difíceis.

Aos meus professores que me orientaram e me ensinaram no decorrer desse curso, em especial, a minha professora orientadora Maria Célia Gonçalves.

Agradeço também aos meus familiares e aos meus padrinhos, que foram meus conselheiros, deram-me força durante essa caminhada, que me ajudaram a continuar o meu percurso, pois, quando pensava em desistir e por me sentir fraca ou cansada eles sempre me fortaleciam e me mostravam a minha direção.

A todos vocês que me acompanharam, apoiaram e me incentivaram eu agradeço imensamente.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a minha família pela dedicação, compreensão e companheirismo, em especial, as mulheres negras que foram minha inspiração para trabalhar nesse projeto.

## RESUMO

Podemos dizer que houve uma mudança na realidade vivida pelas mulheres negras no período de escravidão se comparado com as de agora porém essa mudança é pequena, pois mesmo tendo evoluído bastante e ter conquistado sua liberdade de expressão, seus direitos de ir e vir, elas ainda sofrem com o preconceito e a não aceitação, continuam em último lugar na escala social, onde tem enormes desvantagens de modo geral, onde a maioria faz parte de um sistema racista e machista. A mulher negra tem o menor nível de escolaridade, porém é as que mais trabalham, fazendo serviços pesados, serviços braçais, de campo. Apesar de trabalharem tanto é também as que têm o menor rendimento salarial se comparado aos demais, pois não valorizam os seus serviços, e são poucas as que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação e crescer profissionalmente e moralmente, ainda sofrem por serem negras principalmente, mas que mesmo que de pouco em pouca está conseguindo ocupar seu lugar.

Essa pesquisa ocorreu no município de Brasilândia de Minas, com o objetivo de descobrir quantas mulheres negras sofrem ou já sofreram com o racismo em seu ambiente de trabalho. A pesquisa foi realizada analisando os dados adquiridos através de entrevista realizada com as mulheres negras do município. A pesquisa vem sendo realizada desde o início do ano contando exatamente dez meses olhando uma visão geral em diferentes áreas de serviço, desde as donas de seus próprios negócios a mulheres guerreiras que enfrentam o sol do dia a dia para trabalhar em lavouras, campos. A mulher vem defendendo a cada dia seus espaços assim como os negros defenderam a sua raça, está sendo agora com as mulheres. A metodologia utilizada nesta pesquisa feita através, de entrevista qualitativa, de modo exploratório e descritivo. Com essa pesquisa qualitativa permite ao pesquisador ter proximidade dentro do ambiente a ser estudado.

A pesquisa também vem mostrar um pouco da história do negro e sua evolução, de modo a exibir se houve mudança na prática do racismo, o que deixou claro que ainda existe a prática do mesmo, e apresentado de várias formas.

Palavra-chave: mulheres, mulheres negras, mercado de trabalho, preconceito, desigualdade.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
CAPITULO I.....	12
1.1 A EVOLUÇÃO HISTORICA DOS NEGROS NO BRASIL.....	12
CAPITULO II .....	18
2.1 SITUAÇÕES DA MULHER NO BRASIL .....	18
2.2 UMA VISÃO GERAL DA MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO .....	20
<b>2.2.1 A MULHER NEGRA NO MUNDO .....</b>	<b>20</b>
2.3 Principais autores .....	22
2.4 A MULHER NEGRA NO BRASIL: entre a discriminação e as conquistas de gênero.....	22
2.5 Principais autores .....	24
2.6 A MULHER NEGRA EM BRASILÂNDIA DE MINAS .....	25
CAPITULO III .....	27
3.1 ANÁLISES DE DADOS REFERENTES À CIDADE DE BRASILÂNDIA DE MINAS.....	27
IV-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
VII-REFERÊNCIAS .....	37
APÊNDICE I .....	39

## INTRODUÇÃO

Falar sobre a mulher negra já é um assunto muito complexo, mas quando assunto é mulher no mercado de trabalho já se ouve muitas críticas e sempre a velha frase de que lugar de mulher é na cozinha.

O que pouco se sabe é que a mulher vem a cada dia ocupando o seu lugar no mercado de trabalho.

Apesar da discriminalidade e do racismo contra as mulheres, é pior quando se trata da mulher negra no mercado de trabalho ou ocupando algum cargo ou comandando alguma empresa.

Essa pesquisa ocorreu no município de Brasilândia de Minas, com o objetivo de descobrir quantas mulheres negras sofrem ou já sofreram com o racismo em seu ambiente de trabalho. A pesquisa foi realizada analisando os dados adquiridos através de entrevista realizada com as mulheres do município.

A mulher vem defendendo a cada dia seus espaços assim como os negros defenderam a sua raça, está sendo agora com as mulheres.

Analisando o mercado de trabalho no contexto geral os homens ainda se sobressaem perante as mulheres, ocupando grandes cargos, ou quando os cargos são iguais a diferença é no salário onde o da mulher é mais baixo. Ainda assim as mulheres brancas recebem mais que as pessoas negras, mesmo fazendo as mesmas funções, porém nesta análise as negras ainda estão sendo discriminadas, pois mesmo analisando tudo isso as negras ainda recebem salários inferiores, mas que não desistem de conquistar o seu espaço.

A escolha desse tema foi para defender o espaço da mulher negra, e investigar se as mulheres de cor que trabalham no município de Brasilândia de Minas sofrem com algum tipo de preconceito, o tema procurou provocar nas mulheres em especial o interesse em defender a sua raça, gênero e crença.

Quando se estuda essa causa é possível verificar a quantidade que ainda existe de preconceito contra as mulheres e principalmente se essas são negras de modo a deixar visível essa discriminação racial. .

A escolha do tema deveu-se ao fato de perceber que ainda hoje existe muita desigualdade, racismo e indiferença em relação à cor, etnia e gênero, principalmente com a etnia negra.

Mesmo depois de ter acabado com a escravidão ou ter diminuído o racismo, ainda há um grande número de discriminalidade, como por exemplo, contra as mulheres negras, que pode ter o estudo que tiver, pode ter mestrado, doutorado ou qualquer outro que mesmo assim sofre horrores por causa de sua cor.

Em sua entrevista para a Revista Visão Jurídica a Luislinda Valois fala o seguinte

Consciente de que é parâmetro de sucesso para a raça negra, defende o sistema de cotas (mas, não indefinidamente), acredita que a lei utilizada e afirma que o preconceito existe sim, no Brasil, apesar de tentativas de se esconder isso. “Quem quiser saber o que é ser negro, fique negro por apenas 24 horas”, é sua máxima para quem duvida de que exista discriminação racial no país. (Revista Visão jurídica, 2005, p.2).

Essa pesquisa visou mostrar que ainda existe racismo, discriminação no país, estado ou município, dentro de uma organização, para que visualizando essas informações possam lutar contra esse tipo de preconceito fazendo a diferença e sendo a diferença.

Na visão de um administrador, pode servir para trabalhar a igualdade dentro de sua organização, dentro de sua empresa, de modo a aceitar a todos com seu devido valor, fazendo com que somem a diferença e multiplique as igualdades, para que ambas cresçam.

Quantas mulheres negras ainda são vítimas de preconceito em seu local de trabalho no município de Brasilândia de Minas?

Essas mulheres sofrem com algum tipo de racismo? Quais os tipos de preconceitos sofridos por elas? Dentro do seu local de trabalho existe algum tipo de programa de inclusão para mulheres negras no quadro de funcionários? Quais os obstáculos que ainda existem na sociedade que dificultam a mulher negra de ser bem aceita na sociedade e no mercado de trabalho?

Investigar a quantidade de mulheres negras vítimas de preconceito em seu local de trabalho no município de Brasilândia de Minas.

Averiguar se essas mulheres sofrem algum tipo de racismo; analisar quais são os tipos de preconceitos sofrido por essas mulheres; investigar se dentro do seu local de trabalho utiliza alguma política de inclusão da mulher negra no seu quadro de funcionários; pesquisar quais são os principais obstáculos que ainda existem na sociedade e que dificultam a mulher negra ser bem aceita na sociedade e no mercado de trabalho.

Segundo Nogueira (2006) parece certo que o fato de as mulheres assumirem posições de liderança implica que construa para si próprias um posicionamento que lhes possibilite o relacionamento com os outros, mas também a construção de sua subjetividade. O que falta é a igualdade empresarial no mercado de trabalho entre homens, mulheres, e negritudes, mulheres e homens negros, mas nesse escalão a mulher negra ainda sai abaixo de todas.

Portanto, as mulheres negras ainda que discriminadas venham se erguendo cada vez mais, procurando melhoria de vida, melhoria de trabalho, aceitação, uma enorme discussão sobre esses interesses da mulher negra em fazer a diferença. Há mulheres negras trabalhando no município de Brasilândia de Minas, se são tratadas bem, não se sabe se sofrem algum tipo de discriminação contra elas, sim pode haver não de maneira explícita, e pelo que se dá pra ver não há treinamentos, elas trabalham pelo que conhece, sem muito incentivo ou treinamento.

No mercado de trabalho o negro a cada dia que passa vem conquistando seu espaço, e as mulheres também, as que antes eram vistas apenas com dona de casa, hoje já são donas de empresas, donas de seus próprios negócios, presidentes de um país. Então se há alguma chance de vitória a mulher negra está lutando para conquistá-la.

Os negros estão fortemente concentrados nas ocupações da indústria tradicional e nos serviços gerais, sendo que o acesso ao mercado de trabalho é um dos principais fatores de produção dessa desigualdade. Entretanto, mesmo quando eliminadas as diferenças raciais, os negros ainda apresentam desvantagens, principalmente no acesso às melhores posições ocupacionais, demonstrando que há uma distribuição desigual de indivíduos no mercado de trabalho e um dos fatores dessa desigualdade é a cor, principalmente quando o assunto é mulher e em especial a mulher negra.

Metodologia de acordo com Neves Domingues (2007, p. 47) a metodologia deve ser escrita de modo claro e detalhado, para que o leitor seja capaz de reproduzir, se necessário, o aspecto essencial do estudo.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi feita através, de entrevista qualitativa, de modo exploratório e descritivo. Com essa pesquisa qualitativa permite ao pesquisador ter proximidade dentro do ambiente a ser estudado.

De acordo com MINAYO (2004)

Afirma que a fase exploratória é, sem dúvida, um dos momentos mais importantes, podendo até ser considerada uma pesquisa exploratória. Neste contexto, como começa e quando termina a fase exploratória? O início do desejo do pesquisador em conhecer mais sobre determinado assunto marca o começo desta fase, que só termina quando o pesquisador definir seu objeto de estudo, construir um referencial, conceitual, definir o instrumento de coleta de dados e as técnicas de análise dos dados, bem como o grupo a ser pesquisado.

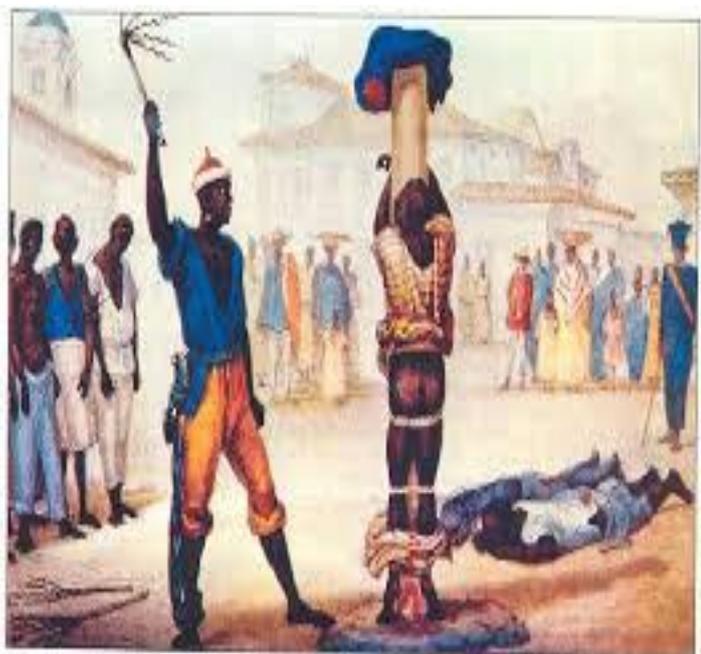
A pesquisa foi realizada no município de Brasilândia de Minas, com mulheres de diferentes profissões e posições sociais, olhando assim um contexto geral, e uma visão mais ampla e diversificada sobre o tema. Foram abordadas desde mulheres que possui seu próprio negócio, a aquelas que trabalham no meio rural, em lavouras.

## CAPITULO I

### 1.1 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS NEGROS NO BRASIL

Em meados dos séculos XVI a escravidão negra foi implantada no Brasil, porém, foi intensificado por volta dos anos de 1700 e 1822 com o crescimento do tráfico negreiro.

Os negros nesta época eram usados como escravos no qual serviam seus senhores e caso as ordens ou tarefas demandadas por eles não fossem concretizados, os negros eram castigados friamente com chibatadas, onde marcavam seus corpos, marca essas que mesmo aqueles que não viveram nesta época, carregam consigo. As negras muitas das vezes eram usadas como objeto sexual de seus senhores, e zeladoras de seus lares.



*Figura 1\_ O castigo dos escravos fonte Google*

Naquela época os escravos sofriam muito, pois eram postos em porões pequenos tanto em largura e altura, e como se não bastasse eram presos pelos pés, viviam espremidos entre si.

Tudo que era feito ou produzido no Brasil era feito por mãos escravas, não existia máquinas para fazer tais trabalhos por ordem da Rainha que banuiu as indústrias, a única máquina que não tinha direito a descanso, era a máquina humana que trabalhava dia e noite, eram nos engenhos na agricultura, e também nas mineradoras.



*Figura 2 O trabalho nas mineradoras fontes Google*

A escravidão se instalou no Brasil quando o mesmo se tornou colônia. De acordo com os autores Aparecido Domingos Errerias Lopes e Dirceu Galdino (1995, p.85)

“o trabalhador é considerado como uma coisa ou objeto de trabalho, sem o reconhecimento de nenhum direito pelo empregador”.

Em 1850, houve a primeira revolução histórica na vida dos escravos onde foi decretado a proibição do tráfico negreiro. Com isso com o decorrer dos anos as coisas só foram melhorando para os escravos. Em 1871 foi criada a lei do ventre livre onde os filhos dos escravos não seriam mais escravos até completarem a maior idade.

LEI Nº 2040 de 28.09.1871 - LEI DO VENTRE LIVRE

A Princesa Imperial Regente, em nome de S. M. o Imperador e Sr. D. Pedro II, faz saber a todos os cidadãos do Império que a Assembleia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1.º - Os filhos de mulher escrava que nascerem no Império desde a data desta lei serão considerados de condição livre.

Art. 2.º - O governo poderá entregar a associações, por ele autorizadas, os filhos das escravas, nascidos desde a data desta lei, que sejam cedidos ou

abandonados pelos senhores delas, ou tirados do poder destes em virtude do Art. 1.º- § 6º.

Em 1888, por fim foi decretado pela princesa Isabel a abolição da escravatura, foi então criado a lei Áurea:

LEI N.º 3.353 - DE 13 DE MAIO DE 1888

Declara extinta a escravidão no Brasil:

“A Princesa Imperial Regente, em Nome de Sua Majestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e Ela sancionou a Lei seguinte:

Art. 1.º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém. ”

Um dos avanços na luta pela igualdade racial foi a Pré-Conferência das Américas - Revisão de Durban 2001-Conferência Mundial contra o racismo - Brasília em 13 a 15/06/2008, onde foi construído o seguinte documento:

Reunidas na Conferência da Sociedade Civil das Américas – na Preparação para a Conferência Mundial de Revisão de Durban, realizada em Brasília de 13 a 15 de junho de 2008. Nós mulheres afro descendentes, indígenas, ciganas, jovens, adultas, migrantes, lésbicas e feministas, reunidas na Conferência da Sociedade Civil das Américas na preparação para a Conferência Mundial de Revisão de Durban. Acolhemos em todo seu conteúdo às declarações e às Propostas das Mulheres Afro descendentes, indígenas e Jovens contidas na Conferência da Sociedade Civil das Américas.

Sobre a modernidade negra, um movimento revolucionário na arte, política e outros seguimentos, Guimarães (2002, p. 02) aponta:

A modernidade negra faz parte desse processo de uma maneira muito específica, caudatária da história dos contatos entre brancos e negros. Apesar da integração dos povos negros africanos ao universo dominado pelos europeus anteceder de muito o sistema escravista implantado nas Américas, tal inclusão dava-se até então de modo não apenas subordinado, mas altamente unilateral; a representação dos negros sendo construída e reproduzida pela mente, pelas palavras e pelas imagens dos brancos. Ao

contrário, o processo modernizador que me interessa aqui é marcado pelos contatos, pelas trocas e conflitos intensos.

Mesmo acabando com a escravidão, agora os negros que antes escravos travariam agora uma nova luta, luta essa que ainda é travada até os dias de hoje, pois agora teriam que sair em busca de trabalho e da valorização do mesmo, e não foi fácil, pois agora seus antigos senhores os arrumavam emprego, porém os serviços prestados pode assim dizer que continuavam escravos, pois a remuneração era baixa e a carga horária baixa, sendo que também e ainda sofriam com as chibatadas.

Hoje em dia houve uma grande evolução, os negros já são mais aceitos, mas ainda não há total igualdade, pois se comparados com os demais, os mesmos ainda ocupam cargos baixos em empresas, desigualdade salarial.

A modernidade negra foi um movimento marcado pelos contatos e trocas entre brancos e negros, uma forma de socialização, ainda que bem tímida, mas que marcou uma época imensamente progressiva na inserção do negro na sociedade moderna.

Em uma pesquisa feita nos Estados unidos um casal resolveu fazer um teste com crianças negras de uma escola pública em um bairro pobre. Utilizaram duas bonecas sendo elas uma boneca clara e a outra negra, e o resultado só confirmou o racismo que ainda existe, e ainda grande de tal forma que faz com que até as pessoas negras se auto discriminem, na pesquisa as crianças negras preferiram brincar com as bonecas claras por assim acharem elas mais bonitas que as outras, confirmando o racismo segregacionista.

Os negros por certa época, por um curto espaço de tempo estavam podendo assim dizer acostumando com o racismo expostos a eles, tanto que eles próprio se auto discriminavam, uma não aceitação de si próprio é algo que deve ser repensado , quando uma pessoa por ser discriminada, por algo que ela faça, ou por ter uma crença, por sua religião, cor ou etnia, ela se auto discrimina pois quando vai para onde estão os discriminadores elas logo pensa que não podem estar ali ou fazer aquilo por causa de seus costumes ou crenças ou cor.

O Brasil foi um dos últimos países a aceitarem a abolição da escravidão resistindo até a última estância.

São conquistas lentas e mínimas no mundo globalizado, onde os direitos são conhecidos e expressos mundialmente, mas, o que acontece na realidade é que as

mentalidades ainda não foram totalmente libertas do preconceito e, quando um negro se destaca no cenário acadêmico, político e social é tido como alguém excepcional ou é ridicularizado em público, porém esses ridicularizadores esquecem que competência em fazer algo bem feito não vem da cor da pele, nem da raça quanto menos da crença ou religião.

A Constituição Federal em seu artigo 1º, III, propõe que a sociedade brasileira seja alicerçada na liberdade, justiça e solidariedade, “bem como a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, cor, ou de qualquer outra espécie” (BRASIL, 1988, art. 3º, I e IV), e consagra a igualdade como direito fundamental (BRASIL, 1988, art. 5º, caput).

A Constituição Brasileira ainda explicita que “a prática do racismo é crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (BRASIL, 2007, art. 5º, XLII).

A Lei nº 12.288/2010 (Estatuto da Igualdade Racial), temo propósito de reforço do combate à discriminação racial cometida contra a população negra, preconizando seus dispositivos:

Art. 1º “Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”.

O Estatuto da Igualdade Racial conceitua desigualdade racial como sendo: “toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica”.

Segundo Lima (2011, p. 6)

A discriminação racial é punida através da legislação nacional, norteadas em documentos internacionais pela não discriminação. A Organização das Nações Unidas (ONU), através de recomendações, tem fortalecido, ainda mais, a legislação nacional e de diversos países em face do racismo. Desse modo, uma vez que a discriminação racial direta é facilmente detectada, existindo previsão legal para a punição de quem pratica racismo, há um maior receio da sociedade, tendo o número de atos racistas diminuído de forma considerável, porém, não pela conscientização das pessoas, mas por receio de sofrer alguma penalidade.

Diante das leis que punem, a discriminação em forma de racismo foi reduzida consideravelmente, não porque as pessoas estão mais conscientes, preservando a integridade da pessoa negra, mas pela punição que acarreta o ato.

Ainda sobre as leis de proteção racial IPEA (2011, p. 13),

A Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR) foi criada pelo governo federal no dia 21 de março de 2003. Sua criação simbolizou o reconhecimento do pleito dos movimentos sociais negros com relação à necessidade de uma institucionalidade própria para a formulação, coordenação e articulação de políticas e diretrizes governamentais para a promoção da igualdade racial.

A luta dos negros por maior reconhecimento nacional, resultou na criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR) que tem como objetivo a formulação e implementação das políticas e diretrizes governamentais que promovem a igualdade racial.

## **CAPITULO II**

### **2.1 SITUAÇÕES DA MULHER NO BRASIL**

Historicamente falando, a mulher sempre ocupou um cargo de submissão, comandado ou pelo pai ou esposo, para eles a única função que a mulher poderia ter era a da procriação.

Ao falar de preconceito pode ser visto que o mesmo é mascarado de varias formas, seja preconceito racial, etnia, gênero, condições sociais entre outros. Mas existe uma espécie de preconceito, que vem sendo praticado há muito tempo, e que até hoje se luta para aboli-lo, ainda sem muito êxito.

Preconceito direcionado as mulheres em geral, é algo que de certa forma já foi amenizado no Brasil, mas que ainda se vê acontecer em diversos lugares, eles são mascarados e fica difícil ser percebidos. Uma das formas de preconceito direcionado as mulheres, é em questão trabalhista, onde se vê claramente a desigualdade no cargo exercido pela mesma, ou até mesmo salarial.

Quando uma mulher decide ser inovadora, querendo criar seu próprio negócio, ou ser independente, principalmente financeiramente, a sempre aquela conversa de ela vai deixar de cuidar dos afazeres do lar, que elas tem é que cuidar da casa, das crianças, do marido, ou seja, ser dependente disso, não crescer. Mas as mulheres decidiram dar um basta nisso mostrando para o mundo e principalmente para os idealistas que mantem essa ideia fixa na cabeça, que lugar de mulher é onde ela quer, pois tem a capacidade e disposição para crescer profissionalmente ou em qualquer outro nicho que ela escolher trilhar para si.

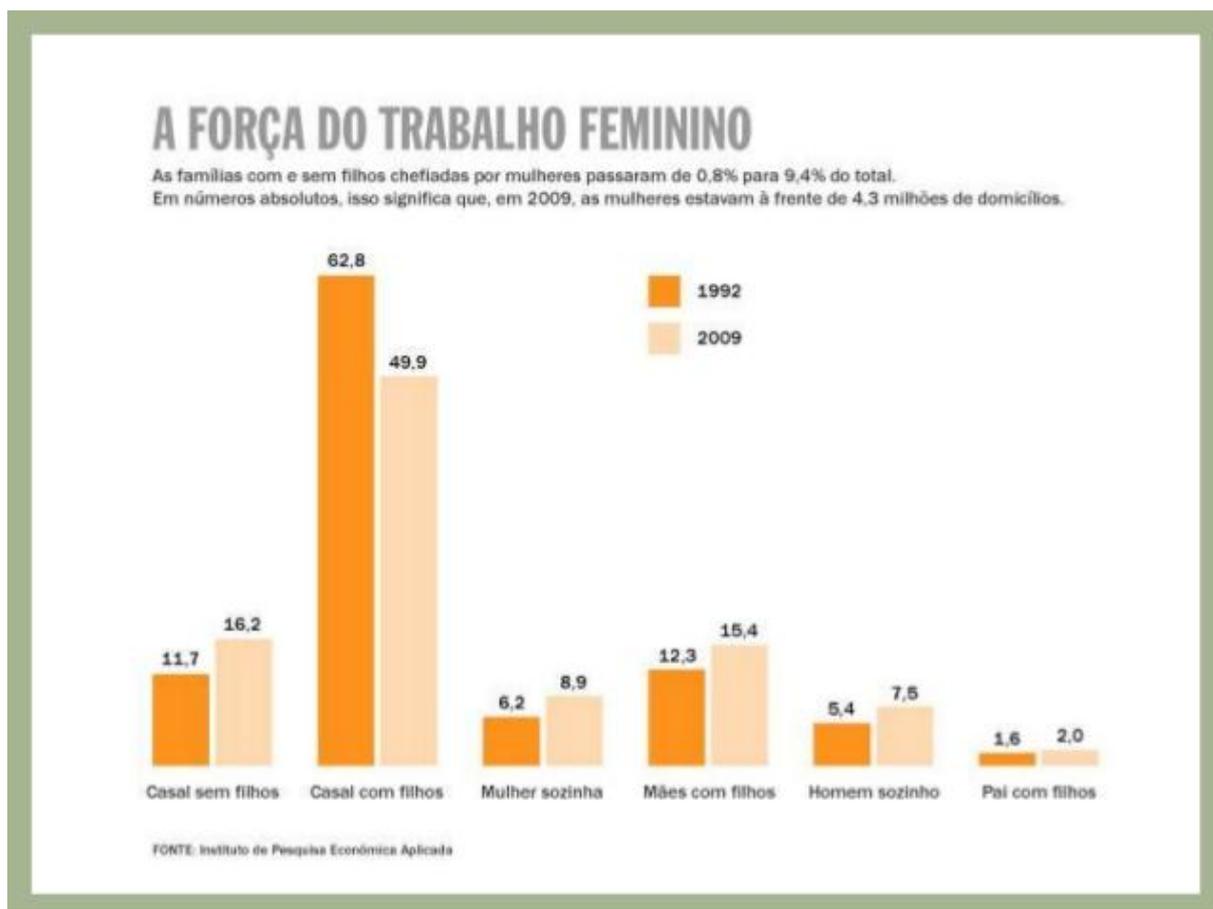


Gráfico 1 a força do trabalho feminino fonte Google

No mercado de trabalho a várias portas a serem desencadeadas pelas mulheres, portas essas trancadas pelo preconceito.

Uma das dificuldades que a mulher encontrar ao querer encarar o mercado de trabalho é se a mesma for mãe. Ao tentar abrir essa porta, ela se depara com a dúvida de seu chefe se ela vai conseguir continuar no emprego, e se acontecer algo com a criança, e se a criança adoecer vem sempre na cabeça do chefe que na primeira oportunidade ela abandonara o emprego, e a empresa não pode ficar toda hora trocando os funcionários.

A mulher para poder conquistar igualdade por completo é necessária que ela tenha autonomia, principalmente financeira, pois muitos apontam essa diferença como um problema, uma vulnerabilidade que as impede de conquistar as outras igualdades.

No Brasil apenas 0,3% dos cargos gerenciais são exercidos por mulheres, sendo que as mulheres negras em comparação com as brancas ganham 45% a menos na faixa salarial. Mesmo o Brasil contendo mais mulheres do que homens e

tendo rendimento mais acelerado, elas ainda estão inferiores a eles em níveis empresariais.

## **2.2 UMA VISÃO GERAL DA MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO**

### **2.2.1 A MULHER NEGRA NO MUNDO**

A mulher negra ao longo do tempo viveu em um cenário de discriminações e preconceitos que a levava à segregação. Contudo, este cenário acabou se transformando numa força propulsora, levando a mulher negra a lutar por seus direitos com maior vigor.

Além de mulher, ser negra é precedente para a discriminação e o preconceito racial e de gênero. A luta neste sentido tem obtido resultados positivos, mas, não são suficientes para acabar com o estigma impregnado ao longo de séculos.

Paixão e Gomes (2008, p. 2) fazem um parâmetro entre as mulheres negras africanas e brasileiras na época a escravidão. Assim,

Ao contrário do Caribe e dos EUA, ainda são poucos os estudos no Brasil que tratem das sociabilidades e do cotidiano de escravas, libertas, africanas e crioulas. Tanto nas sociedades africanas como na diáspora, mulheres eram conhecidas por sua força e poder espiritual. Elaboraram formas de enfrentamentos, contrariando a ideia de que aceitavam a dominação com passividade. [...]. Agiam na proteção da integridade física e psicológica de seus filhos e companheiros, assim como de toda a comunidade da qual faziam parte. Na tentativa de impedir que filhos e esposos fossem vendidos separadamente, recusavam-se a trabalhar e ameaçavam os senhores com o suicídio e o infanticídio. [...]. Num mundo cercado de opressão, construíam ambientes de autoestima e se tornavam decisivas, por exemplo, para possibilitar fugas ou obter informações a respeito de vendas e transferências indesejáveis. Ajudando a manter a integridade dos arranjos familiares, assim como a riqueza e a originalidade da cultura forjada em torno deles, elas foram os primeiros agentes da emancipação das comunidades afro descendentes na diáspora.

Percebe-se que as mulheres negras usavam da sutileza desde o tempo da escravidão, protegendo a família da maldade dos donos e enfrentando os problemas com inteligência e perspicácia. No Brasil, a produção literária acerca da mulher negra daquela época é pequena, assim, fica difícil conhecer a fundo as peculiaridades dessa parte da população.

As conquistas alcançadas, no entanto, “não podem ofuscar os enormes desafios ainda impostos. [...] De qualquer ângulo em que se tomem estes grupos – no campo da saúde, do trabalho, da educação, no espaço doméstico –, a realidade ainda revela muitas desigualdades” (MARCONDES, et al., 2013, p. 08).

Reunidas em Brasília, mulheres da América Latina constroem documentos que visam a valorização das pessoas discriminadas em todo o mundo, não só os negros, assim como, as minorias: ciganos, indígenas, entre outras.

Declaram que “persistem os desafios nas Américas e no Caribe” na luta contra o racismo e toda forma de preconceitos “[...] que enfrentam as mulheres por sua condição de gênero, raça e etnia, sua orientação sexual que se manifestam em diversas formas de abuso e exploração sexual, o tráfico de mulheres, a violência doméstica e institucional”.

Na América Latina a ONU Mulheres e outras entidades tem apresentado programas que buscam a valorização da mulher negra. Dessa forma segundo IPEA (2011, p. 09),

Um país que conhece a sua população tem mais chances de investir melhor seus recursos para enfrentar desigualdades e questões sociais. [...] A ONU Mulheres, por meio do Programa Regional de Incorporação das Dimensões da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia em Programas de Combate à Pobreza em Quatro Países da América Latina: Bolívia, Brasil, Guatemala e Paraguai, tem fomentado e apoiado projetos para produção e divulgação de dados estatísticos desagregados por sexo, raça/cor e etnia.

A ONU Mulheres faz um trabalho estatístico das nações onde está presente, buscando com isso, ajudar os países a desenvolver políticas públicas de combate à discriminação e que valorizem as mulheres negras.

Neste ano de 2016, em pleno século XXI, casos de racismo continuam ocorrendo em muitos lugares.

Um exemplo recente foi o comentário racista sobre M Michele Obama, primeira-dama dos Estados Unidos, postado no facebook por uma mulher.

Pamela Ramsey Taylor, administradora de uma organização não lucrativa, chamada de Clay Country Development, situada na cidade de Clay, postou o seguinte:

“Será tão refrescante ter uma primeira-dama bonita, com classe e digna de volta à Casa Branca. Estou tão cansada de ver uma macaca de saltos altos”.

A essa postagem, a presidente de Câmara de Clay respondeu:  
“Fizeste-me ganhar o dia, Pam.”

Outro caso, também recente, ocorreu com a atriz Taís Araújo que foi insultada nas redes sociais com os seguintes comentários:

“Esse cabelo de esfregão. ”

“Me empresta seu cabelo pra eu lavar minha louça. ”

“Entrou na globo pela conta. ”

“Com esse cabelo dá pra lavar o globo inteira. ”

São esses tipos de racismo que as mulheres negras sofrem diariamente, por causa de sua cor, de seus cabelos.

No Brasil não se vê a discriminação explícita, violenta, elas costumam ser mais ostensivas, apresentadas de forma dissimulada, oculta e disfarçada, tornando esse tipo de racismo ainda mais grave, pois é mais difícil de ser identificado e, portanto, combatido.

### **2.3. Principais autores**

Segundo os autores (PAIXAO; GOMES,2008) os aspectos da história da escravidão, da pós-emancipação e do tempo presente da mulher negra, especialmente em termos de sua atual inserção no mercado de trabalho. Na primeira parte, o artigo aborda a bibliografia sobre a história da mulher escrava e analisa algumas narrativas sobre famílias, cotidiano e estratégias femininas de escravas, crioulas, forras e africanas nos séculos XVIII e XIX a partir de testamentos.

### **2.4 A MULHER NEGRA NO BRASIL: entre a discriminação e as conquistas de gênero**

Se para abolir a escravidão já foi uma luta difícil, não é diferente quando se trata da mulher no mercado de trabalho, é uma luta que vem sendo travada já a anos, não podendo dizer que não houve sucesso, porém dizendo que ainda há muito pelo que lutar pois a mesma ainda é discriminada, em contexto geral. A mulher negra em

sim já é uma grande lutadora, pois na época da escravidão elas já lutavam para garantir seu lugar, para defender os seus.

A mulher negra no Brasil sofreu ao longo de sua história, inúmeras violações. Sendo descendente de escravos, suas primeiras conquistas vieram da senzala, onde viviam e morriam em profunda miséria.

Assim, de acordo com Silva (1999, p. 01),

A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor, e as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado matrimonial.

Um país cuja cor da pele determina o grau de instrução, a posição social e no mercado de trabalho, não valoriza o seu povo miscigenado. Nesta situação, a mulher brasileira tem desvantagens no sistema racista e machista do Brasil, sofrendo duplamente com as mazelas culturais.

No entanto, para Pinto (2006, p. 02), o Brasil,

Ao longo dos últimos anos, tem apresentado um quadro de mudanças em várias dimensões relativas à vida das mulheres. Dados estatísticos evidenciam este fenômeno, na medida em que apontam para as mudanças nos arranjos familiares, o aumento do poder aquisitivo, a redução das taxas de natalidade, a diminuição do tamanho das famílias, o aumento da escolaridade, entre outros. Nas últimas décadas o movimento brasileiro de mulheres vem ganhando novas características e se firmando como sujeito político ativo no processo brasileiro de democratização política e de mentalidades. A luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira e moldando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista.

Segundo Soares (2000, p. 5), dois tipos de discriminação no mercado de trabalho que são identificados pela PNAD: “a discriminação contra negros e a discriminação contra mulheres. [...] as pesquisas domiciliares perguntam o sexo das pessoas no domicílio e o questionário principal da PNAD contém informação auto declarada sobre a cor da pele para toda a população desde 1987”.

Quanto ao mercado de trabalho, Souza, et al. (s/d, p. 2)

A inserção das mulheres negras, como assalariadas no setor privado, é bem menor que as brancas, e a maior evidência encontra-se em serviços domésticos, em que os dados são temíveis, “30,8% das mulheres negras ocupadas são domésticas ao passo que, entre as não brancas esta parcela corresponde a 14%”.

Os negros ainda não encontraram notoriedade no emprego e, quando se trata da mulher negra, essa situação ainda é mais contundente, se transformando num imenso abismo, onde a mulher negra ocupa posição de subalternos e os brancos de patrões.

Em pesquisa do DIEESE (2005, p. 02) a idade com que a mulher negra é inserida no mercado de trabalho é menor do que as outras. Dessa forma:

A proporção de negras com idade igual ou superior aos 10 anos de idade na População Economicamente Ativa em comparação com a de mulheres não-negras, é substancialmente maior. Este quadro, identificado pela constância de taxas de participação mais elevadas para as afro-brasileiras, aponta a maior dependência que o segmento negro feminino mantém em relação ao trabalho.

Geralmente, a mulher negra começa a trabalhar mais cedo para ajudar no orçamento doméstico, pois, depende do trabalho para manter uma vida digna e ajudar a família em suas necessidades.

## **2.5. Principais autores**

Segundo a autora (MARCONDES, Mariana Mazzini; et al. 2013). O *Retrato das desigualdades de gênero e raça* evidenciam a articulação das desigualdades de gênero e raciais no contexto da educação superior, do mercado de trabalho e renda, assim como em relação à pobreza, ao acesso a bens, à exclusão digital e à violência.

A autora (PINTO, Giselle.2006). Procura identificar as desigualdades raciais e a reprodução das desigualdades de gênero no mercado de trabalho, contribuindo para o debate sobre a situação das mulheres negras nos diferentes espaços sociais.

(SOUZA, Sarah Carolina do Amaral; et al.) fala que o principal objetivo é expor fatores que as levaram a ter dificuldades de inclusão neste meio.

(LIMA, Jhéssica Luara Alves de. 2011) O ato de discriminar agride os Direitos Humanos e o princípio da dignidade da pessoa humana. A discriminação racial possui duas formas, a direta e a indireta, sendo esta última, a mais cruel, mascarada sob diversas atitudes e normas criadas com um cunho eminentemente racista. Existe previsão para a punição da discriminação racial no ordenamento jurídico brasileiro. A intolerância é o fator que impulsiona um país veladamente racista, devendo ser veementemente combatida. Visando diminuir e/ou erradicar a discriminação racial no Brasil, foi sancionado o Estatuto da Igualdade Racial. A educação é o fator que rege um país civilizado. O combate à discriminação racial é apenas mais uma das formas de educar a sociedade para aprender o que é, de fato, humanidade.

## **2.6 A MULHER NEGRA EM BRASILÂNDIA DE MINAS**

Na totalidade da população de Brasilândia de Minas, a maioria são homens o que deixa as mulheres com o percentual menor.

Em Brasilândia de Minas, a maioria dos profissionais atuantes são mulheres, ocupando cargos como supervisão, secretaria, professores, cantineiras, advogadas, pedagogas entre outros. Porém o mercado de trabalho não é muito favorável para as mulheres de modo geral.

No município existe apenas uma empresa que faz gerar a renda das famílias. Um exemplo de desigualdade no município é que nesta empresa há em torno de 400 pessoas empregadas e desse total pode dizer que apenas 90 delas são mulheres.

A maioria das mulheres negras de Brasilândia de Minas, são trabalhadoras rurais, que trabalham no campo fazendo serviços braçais, e outras sendo empregadas domésticas, mostrando que mesmo que muitas delas tenham estudo ainda sim são desvalorizadas no mercado de trabalho.

De acordo com os dados estatísticos do IBGE, existem 6842 mulheres residindo no município, dessa totalidade 818 mulheres moram na área rural, e a população ocupada de mulheres negras de 16 anos ou mais de idade totaliza em 1.655.

Ainda de acordo com IBGE, a proporção de famílias em que a mulher, de cor ou raça preta ou parda, é responsável pela família, em relação ao total de famílias

cujo responsável pela família era de cor ou raça preta ou parda totaliza uma porcentagem de 45,0%.

Nas eleições municipais desse ano foram candidatas dez mulheres e por coincidência ou não nenhuma foi eleita, o que se pode dizer que olhando o numero de mulheres habitantes do município, se as mulheres estivessem unidas, uma das candidatas poderia ser eleita, porem ao que tudo indica o preconceito vem até das próprias mulheres, que não acha que uma outra mulher pode liderar ou fazer parte do comando de uma cidade ocupando o cargo de vereadora do município.

## CAPITULO III

### 3.1 ANÁLISES DE DADOS REFERENTES À CIDADE DE BRASILÂNDIA DE MINAS

Este capítulo traz uma análise da entrevista realizada com mulheres negras em Brasilândia de Minas, visando conhecer seu ponto de vista acerca do tratamento recebido por elas no ambiente de trabalho, se de discriminação, indiferença ou inclusão.

Foram entrevistadas mulheres com diferentes idades e que atuam em vários ambientes de trabalho, como: educação, saúde, comércio, serviços domésticos, entre outros.

A entrevista foi composta de 8 (oito) perguntas que estão disponibilizadas no apêndice deste trabalho.

A primeira pergunta foi sobre a idade das entrevistadas com opções de respostas: até 20 anos, de 21 a 30; de 31 a 40; de 41 a 50, de 51 a 60 e mais de 60.

Das 46 entrevistadas, 8 tem até vinte anos de idade, 23 possuem idade entre 21 a 31 anos, 7 de 31 a 40 anos, 5 de 41 a 50 , 2 de 51 a 60 e 1 mulher com idade acima de 61 anos.

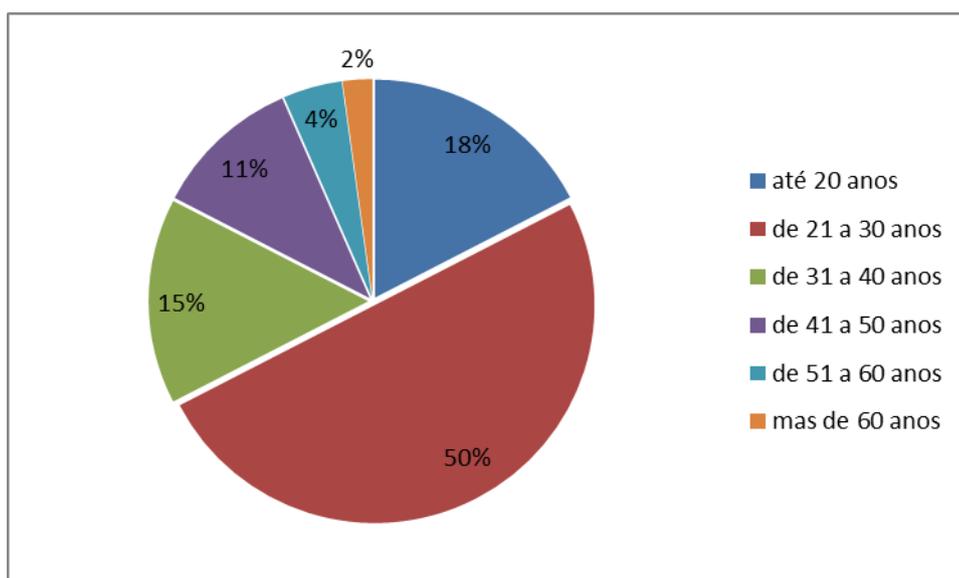


Gráfico 2 idade das entrevistadas fonte 2016

Perguntadas sobre o nível de escolaridade: nenhuma delas disseram que são analfabetas, seis (13,0%) possuem ensino fundamental incompleto; duas (4,3%) dizem ter o ensino fundamental completo; três (6,5%) possuem ensino médio incompleto; sete (15,2%) delas responderam que concluíram o ensino médio, três (6,5%) possuem cursos técnicos, dez (21,7%) possuem ensino superior completo, sete (15,2%) tem o ensino superior incompleto, apenas uma (2,2%) respondeu que possuem pós graduação incompleto e sete (15,2%) dessas mulheres responderam que possuem pós graduação.

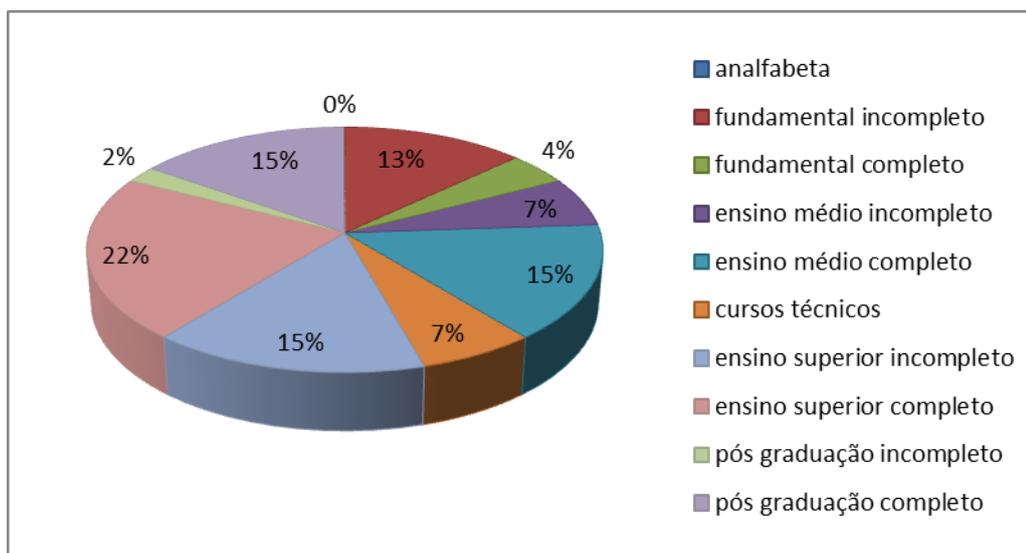


Gráfico 3 nível de escolaridade das entrevistadas

Como visto na transcrição da entrevista, as mulheres negras, mesmo com muita luta, ainda não alcançaram uma escolaridade satisfatória que a ajude a buscar melhorias de vida, o que segundo Silva (1999) ainda é a realidade onde a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais e tem poucas expectativas de encontrar seu lugar no mercado de trabalho e na sociedade.

O que foi observado na entrevista é que quanto maior a idade da mulher negra entrevistada, menor é sua escolaridade, pois as lutas por igualdade e acesso acontecem a certo tempo, mas é recente a notoriedade deste seguimento na sociedade.

Para Pinto (2006) há grande desigualdade de gêneros que vem se arrastando ao longo do tempo, isso reflete uma relação de poder desigual entre homens e mulheres na sociedade. Relação esta que deixa marcas duráveis, difíceis de combater por estarem arraigadas na sociedade.

A terceira questão da entrevista foi acerca da cor/raça das entrevistadas.

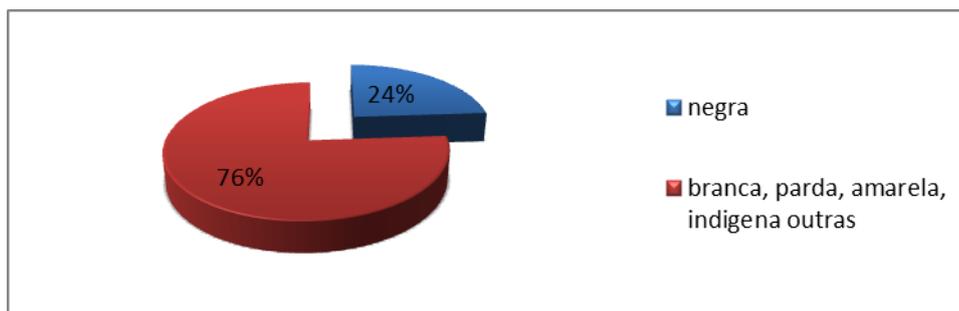


Gráfico 4 cor/raça fonte 2016

Na quarta pergunta as entrevistadas foram indagadas sobre os empregos exercidos pelas mesmas, e pode se vê que as mulheres de hoje já conseguiram grandes conquistas, exercendo papéis importantes na sociedade, porém ainda não é o suficiente para mostrar para o mundo que elas são capazes de muito mais e acabar com o racismo contra elas de vez, pois podem estar em cargos importantes, profissões privilegiadas, mas mesmo assim elas ainda são desvalorizadas, não recebem os devidos respeito por exercerem tão bem as profissões, um bom exemplo disso e no que se pode ver é a maioria das respostas, são as professoras que não são valorizadas nem pelos alunos e muitas das vezes pelos pais dos mesmos, e principalmente pelos órgãos competentes que deveriam fazer os direitos sobre eles e que muitas das vezes não são feitos.

PROFISSÕES	Nº DE PESSOAS	PORCENTAGEM
Advogada	1	4%
Auxiliar administrativo	1	4%
Auxiliar fiscal	1	4%
Cabelereira/ manicure pedicura	2	7%
Camareira	1	4%
Desempregadas	1	4%
Doméstica/ babá	2	7%
Estudante	2	7%
Jornalista	1	4%
Lojista	3	11%
Pedagogas	3	11%
Professores	9	33%

Serviço social	1	4%
----------------	---	----

O governo brasileiro sanciona em 2010 a lei nº 12.288, instituindo o Estatuto da Igualdade Racial, que se destina a garantir à população negra a igualdade de oportunidades e a defesa dos direitos étnicos e individuais, coletivos e difusos. Além disso, busca combater a discriminação racial e quaisquer outras formas de intolerância étnica (BRASIL, 2014).

O capítulo 5 desta lei, que trata sobre o trabalho, art. 38 propõe a implementação de políticas voltadas para a inclusão da população negra no mercado de trabalho será de responsabilidade do poder público, observando-se:

I - o instituído neste Estatuto; II - os compromissos assumidos pelo Brasil ao ratificar a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, de 1965, entre outros compromissos (BRASIL, 2014).

O Estatuto da Igualdade Racial prevê ações que devem ser realizadas tanto pelo poder público como pela sociedade civil, buscando a inclusão do trabalhador negro em setores trabalhistas onde prevalecem a raça branca.

É neste dispositivo legal que se encontra no art. 39§ 7º a proposta de que o poder público promoverá ações com o objetivo de elevar a escolaridade e a qualificação profissional nos setores da economia que contem com alto índice de ocupação por trabalhadores negros de baixa escolarização (BRASIL, 2014).

Quanto à resposta ao questionamento da entrevista, o artigo 39 do Estatuto contribui tanto com a pergunta anterior sobre escolaridade, como para a pergunta sobre a inserção da mulher negra no mercado de trabalho, visto que propõe que o poder público deve promover ações para elevar a escolaridade e a qualificação profissional onde haja grande concentração de trabalhadores negros de baixa escolaridade.

E, ainda de acordo com Estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2014)

Art. 40. O Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador (Codefat) formulará políticas, programas e projetos voltados para a inclusão da população negra no mercado de trabalho e orientará a destinação de recursos para seu financiamento.

Art. 41. As ações de emprego e renda, promovidas por meio de financiamento para constituição e ampliação de pequenas e médias empresas e de programas de geração de renda, contemplarão o estímulo à promoção de empresários negros.

As políticas e projetos voltados para a população negra serão desenvolvidas pelo Codefat que orientará e destinará recursos para o financiamento para as ações de emprego e renda, que visam estimular os empreendedores negros.

Quando indagadas se existe a respeito da renda individual de cada um pode se notar a diferença salarial e se analisar esses dados olhando de um ponto de vista geral essa diferença pode crescer muito, sendo que apenas 43 entrevistadas responderam essa pergunta.

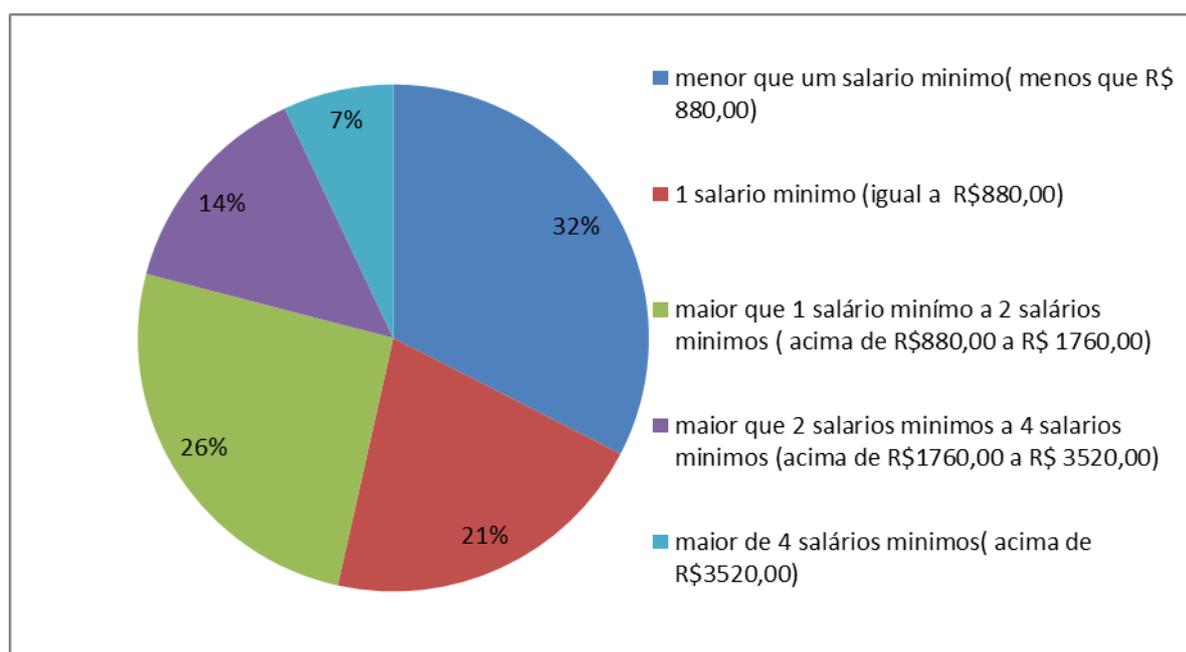


Gráfico 5 renda individual fonte 2016

Santos (2004, p. 2) concorda que:

O racismo, a discriminação racial tem seus efeitos sobre homens e mulheres negras, sendo que estas sofrem duplamente o preconceito e a discriminação raciais, que procuram “caminhos” para burlar as portas fechadas no mercado de trabalho. A forma como isso ocorre pode ser notada na crescente formação de grupos anti-racistas e pela valorização da cultura negra, bem como pelo surgimento de movimentos negros voltados para a tentativa de exigir do Estado determinadas políticas públicas que venham a beneficiar as populações historicamente discriminadas.

O racismo no mercado de trabalho fecha portas para o crescimento pessoal, provocando a criação de grupos de defesa do negro que buscam a melhoria na qualidade de trabalho e vida.

A sexta pergunta dessa entrevista, é sobre os serviços prestados e se os mesmos são registrados em carteiras, 26,2% das entrevistadas responderam que sim, que possuem registro em carteira, porem a porcentagem daquelas que trabalham sem o registro, sem a carteira está assinada está acima, o que pode se dizer que muitos trabalham de maneira irregular, com uma porcentagem de 54,8%, mas existe também aquelas que ocupam outros cargos efetivos.

O Estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2014) preconiza no art. 52 que:

É assegurado às vítimas de discriminação étnica o acesso aos órgãos de Ouvidoria Permanente, à Defensoria Pública, ao Ministério Público e ao Poder Judiciário, em todas as suas instâncias, para a garantia do cumprimento de seus direitos. Parágrafo único. O Estado assegurará atenção às mulheres negras em situação de violência, garantida a assistência física, psíquica, social e jurídica.

O cumprimento dos direitos da pessoa negra passa por todas as instancias magistradas, sendo assegurados na lei e adotados pelo Estado para coibir toda forma de discriminação racial.

Às mulheres negras, o EIR assegura atenção àquelas que sofrem qualquer tipo de violência, garantindo-lhes assistência física, psíquica, social e jurídica.

Percebe-se que as leis trouxeram mudanças no tratamento com os negros, mas ainda existem alguns pontos que estão sendo implementados aos poucos. Não é fácil mudar a mentalidade de um país que tem história de escravidão e discriminação forte como o Brasil principalmente olhando em questão que o Brasil foi um dos últimos países a aceitar a abolição da escravidão.

A pergunta sete busca saber se existe algum tipo de racismo dentro do seu ambiente de trabalho, dentre 42 entrevistadas 8 responderam que sim e 34 que não.

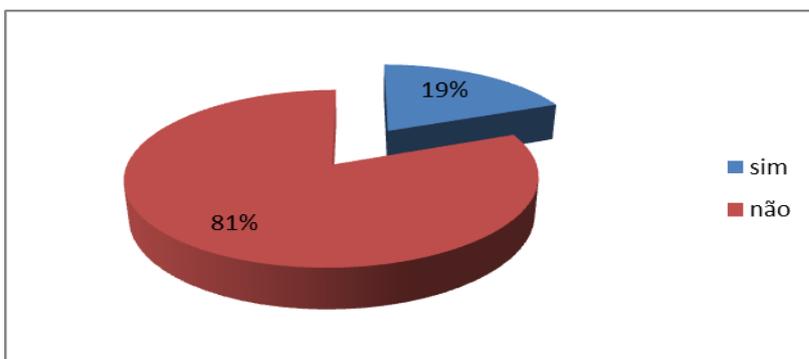


Gráfico 6 racismo contra a mulher no ambiente de trabalho fonte 2016

Assim, percebe-se que algumas mulheres já se sentem inseridas na sociedade como negras e já conquistaram o seu lugar no mercado de trabalho, ainda sofrendo com a não aceitação, ou sendo aceitas com naturalidade, mas, unindo forças e lutando para vencer a cada dia mais.

Diante das respostas, conclui-se que o fato de ser mulher já é um agravante para a aceitação na sociedade e ainda há a cor da pele e o machismo existente no Brasil. Unindo tudo isso, a mulher negra precisa de muitas lutas, além de demonstrar competência e caráter, para estar inteiramente inserida no contexto social.

Para Trippia e Baracat (2013), a discriminação da trabalhadora negra é traduzida na forma desigual de acesso ao emprego, às posições de ocupação no mercado de trabalho, nas diferenças salariais e nas atividades desenvolvidas, além da dificuldade em estudar, o que diminui as oportunidades de acesso a oportunidades de trabalho e melhoria na qualidade de vida.

Na oitava e última pergunta foi perguntado se existe algum tipo de programa de inclusão das mulheres negras no mercado de trabalho, apenas seis das entrevistadas responderam que sim. Um número muito baixo analisando o mercado de trabalho, sendo que 35 delas responderam que não. 5 das entrevistadas não quiseram responder, levando a entender que ainda é preciso estudar este assunto e trabalhar ele dentro das empresas, organizações em geral. No entanto, a conclusão geral é a necessidade mudanças, transformação da mentalidade machista, alienada da população em geral. É preciso que as leis contra o preconceito sejam cumpridas, que a igualdade almejada venha ser alcançadas, e ver que a cor da pele não define caráter de ninguém, muito pelo contrário quem assim o faz só mostra que não tem caráter nenhum.

É possível vencer o preconceito se for trabalhado o combate em casa, na escola, no trabalho e em toda parte. A união é a mola propulsora de todas as lutas. Se todos unirem forças para vencer a discriminação e preconceito, mostrando que independente da cor, crença, religião ou gênero, o indivíduo é um ser humano e merece respeito como qualquer outro.

Analisando essas respostas conclui-se que a luta das mulheres negras no Brasil encontra entraves que vão além da cor da pele.

Considerando que, em um país com cultura machista em que o mercado de trabalho é dominado pelo gênero masculino, aceitar que mulheres e ainda por cima, negras, sejam equiparadas a eles é uma grande transformação.

Porém, a mulher é persistente e tem conquistado vitórias consideráveis como a conclusão dos estudos, assumindo cargos de gestão, principalmente na educação, assumindo também a chefia das famílias, entre outros.

Concordando com as respostas das entrevistadas, mas de forma geral, é preciso sim, vencer as barreiras do preconceito racial e de gênero com a união, o amor ao próximo, o conceito de igualdade sendo trabalhado nas escolas e na sociedade em geral e com o cumprimento das leis que criminalizam o preconceito.

A realidade de Brasilândia de Minas não é diferente do que acontece no Brasil. Historicamente, colonizada por população mista, de maioria negra, ainda prevalece esse quadro no município.

A mulher negra, neste município está inserida em todos os setores: público e privado. Há mulheres negras trabalhando no comércio, nos lares, na indústria, nos trabalhos rurais, inclusive como empreendedoras.

Mas, na educação há um número considerável de mulheres negras atuando, tanto em cargos de gestão, como professoras e serviços gerais.

Essa constatação demonstra que as oportunidades de estudos e empregos ao negro neste município são equiparadas às das outras cores.

É notável que o negro, assim como branco, precisa se esforçar para conquistar o seu lugar na sociedade, sabendo que este esforço deve ser despendido com firmeza de propósito em vencer as barreiras impostas por longos anos de servidão.

## **IV-CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho teve como objetivo principal verificar se as mulheres negras em Brasilândia de Minas sofrem algum tipo de preconceito no trabalho.

Para embasar a pesquisa foi organizado um referencial teórico bibliográfico enfocando no primeiro capítulo a história da evolução dos negros, para vermos como os negros em geral já sofreram com o preconceito e como eles venceram o mesmo, no segundo capítulo trabalhos a visão geral da mulher negra no mercado de trabalho mundial, no Brasil e em Brasilândia de Minas abordando temas como a discriminação no local de trabalho e as conquistas do gênero.

Como pesquisa de campo foi desenvolvida uma entrevista com 46 mulheres que se divergem entre negras, brancas, pardas e outras, que atuam em vários seguimentos do mercado de trabalho do município como: empreendedoras rurais, trabalhadoras domésticas, educadoras, comerciantes, entre outras.

As mulheres entrevistadas têm idade entre 20 e 60 anos, com escolaridade entre ensino fundamental e pós-graduação e rendas variadas.

Os objetivos deste estudo foram alcançados diante das respostas das mulheres entrevistadas comparadas à pesquisa bibliográfica, onde foi constatado que o preconceito e discriminação em Brasilândia de Minas, assim como no Brasil, estão mascarados em atitudes quase que imperceptíveis e outras gritantes como: não poder atuar em certos trabalhos por ser mulher; ouvir piadinhas sobre cor; achar que a negra só pode ser empregada doméstica; relacionar cor da pele com competência.

Mas, o que foi percebido também, é que as conquistas são inúmeras e demonstram que cor da pele não tem nada a ver com competência e responsabilidade, visto que, no setor da educação, em Brasilândia de Minas, a maioria de profissionais atuando são negros e em cargos como supervisão, secretaria, professores, cantineiras e merendeiras.

Dentre as 46 mulheres entrevistadas 07 tem pós-graduação, mostrando que no quesito escolaridade, o quadro também mudou. Há maior busca pela qualificação da mulher negra, o que a faz equiparar às outras mulheres pelo menos no seguimento público onde a seleção é feita por concursos ou provas seletivas e o que conta é o conhecimento e não a cor da pele.

A pesquisadora conclui que ainda existe um número altíssimo de preconceito sofrido pelas mulheres e principalmente as negras. Mas é um quadro que pode ser mudado depende somente da força e querer e da União contra esses tipos de atos racistas.

## VII-REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da igualdade racial**: Lei nº 12.228, de 20 de julho de 2010, legislação correlata. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **A modernidade negra no Brasil, EUA e França**. Reunião da ANPOCS, Caxambu, outubro de 2002, no GT: Teoria social e Transformações Contemporâneas.

MARCONDES, Mariana Mazzini; et al. (Org.). **Dossiê mulheres negras: retrato** das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília: Ipea, 2013

PINTO, Giselle. **Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu -MG – Brasil, de 18 - 22 de setembro de 2006.

PAIXAO, Marcelo; GOMES, Flavio. **Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação**. Rev. Estud. Fem. vol.16 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2008.

**Pré-Conferência das Américas** - Revisão de Durban 2001-Conferência Mundial contra o racismo - Brasília em 13 a 15/06/2008.

ROSSETTO, Marcela. Mulher, negra e juíza. Visão Jurídica, Bahia, p.1-3, nov. 2005. Semanal.

SANTOS, Cleito Pereira dos. Mercado de trabalho e racismo. Revista Espaço Acadêmico, n 33, fev 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/033/33csantos.htm>> Acesso em 29 out 2016.

SILVA, Maria Nilza da. **Mulheres negras**: o preço de uma trajetória de sucesso. PUC/SP, Dissertação Mestrado, 1999.

SOUZA, Sarah Carolina do Amaral; et al. **A inserção da mulher negra no mercado de trabalho**. XVII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e III Encontro de Iniciação à Docência – Universidade do Vale do Paraíba.

SOARES, Sergei Suares Dillon. **O Perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho** – Homens Negros, Mulheres Brancas e Mulheres Negras. Brasília: Diretoria de Estudos Sociais do IPEA, 2000.

TRIPPIA, Luciane Maria; BARACAT, Eduardo Milleo. **A discriminação da mulher negra no mercado de trabalho e as políticas públicas**. Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, Curitiba, PR, v. 3, n. 32, p. 26-38, jul./Ago. 2014. Disponível em: <<http://juslaboris.tst.jus.br/handle/1939/94254>> Acesso em 28 out 2016.

<<http://www.webartigos.com/artigos/a-evolucao-da-escravidao-no-brasil-e-no-mundo>> acesso em 08 Nov 2016

< [http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/lei\\_ventre\\_livre.htm](http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/lei_ventre_livre.htm) > Acesso em 08 Nov 2016

## **APÊNDICE I**

### **ENTREVISTA**

**FCJP- FACULDADE CIDADE DE JOÃO PINHEIRO**

**GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**TCC- TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Meu nome é Crécia José da Silva, tenho 22 anos e sou estudante do oitavo período de Administração.

Meu objetivo de pesquisa é investigar se as mulheres negras empregadas em Brasilândia de Minas sofrem algum tipo de racismo, preconceito ou discriminação em seu local de trabalho, observando quais os principais obstáculos que ainda existe na sociedade que dificultam a mulher negra ser bem aceita na sociedade e no mercado de trabalho.

Com isso, venho pedir a sua colaboração com essa pesquisa respondendo um questionário.

Desde já agradeço, lembrando que as informações aqui adquiridas são de total sigilo.

### **QUESTIONÁRIO**

1. Qual a sua faixa etária?

( ) até 20 anos;

( ) de 21 a 30 anos;

( ) de 31 a 40 anos;

( ) de 41 a 50 anos;

( ) de 51 a 60 anos;

( ) acima de 60 anos.

2. Qual o seu nível de escolaridade?

( ) Ensino fundamental completo

( ) Ensino fundamental incompleto

( ) Ensino médio completo

( ) Ensino médio incompleto

( ) Ensino Superior completo

- Ensino superior incompleto
- curso Técnico
- pós-graduação incompleto
- pós-graduação completo

3. Qual a sua cor/raça?

- negra
- branca, parda, indígena; outros.

4. Qual a sua profissão?

5. Qual sua renda individual?

- menor que um salario mínimo (menos que R\$ 880,00)
- 1 salário mínimo (igual a R\$ 880,00)
- maior que 1 salário mínimo a 2 salários mínimos ( acima de R\$ 880,00 a R\$ 1760,00)
- maior que 2 salários mínimos a 4 salários mínimos ( acima de R\$ 1760,00 a 3520,00)
- maior de 4 salários mínimos ( acima de R\$ 3520,00)

6. Possui carteira assinada?

- sim       não

7. Existe algum tipo de racismo contra a mulher dentro do seu ambiente de trabalho?

8. Há algum tipo de programa de inclusão das mulheres negras neste ambiente de trabalho?